

O PROJETO MUSEU-ESCOLA: DIALOGANDO COM A INTERDISCIPLINARIDADE – UMA EXPERIÊNCIA QUE ESTÁ DANDO CERTO

Ruth KÜNZLI¹

Renata Junqueira de SOUZA²

Iliada Pires da SILVA³

RESUMO: O Projeto Museu-Escola tem como principal objetivo tornar a visita de crianças das escolas mais atrativa e produtiva. A interação de antropólogos, arqueólogos e pedagogos torna o projeto viável. O trabalho em equipe obteve resultados muito bons, de acordo com a avaliação feita pelos professores dos alunos visitantes.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Museu; Interdisciplinaridade; Trabalho em Equipe

ABSTRACT: THE MUSEUM-SCHOOL PROJECT: DIALOGUING WITH THE INTERDISCIPLINARITY – AN EXPERIENCE THAT IS RUNNING WELL

The School-museum project has as its main objective make the visitation of school children more attractive and productive. The interaction of anthropologists, archaeologist and pedagogists makes that project able. That teamwork has obtained very good results according to the evaluation made by the teachers of the visitors.

KEY-WORDS: School; Museum; Interdisciplinarity; Teamwork

INTRODUÇÃO

O Projeto Museu-Escola: dialogando com a interdisciplinaridade surgiu da necessidade de se adequar a linguagem de transmissão de informações durante as visitas ao Museu por alunos desde a Pré-Escola até o 2º Grau, do preparo prévio do aluno a respeito daquilo que lhes será mostrado, bem como de se motivar os professores que acompanham as classes na visita ao Museu.

O Museu da Faculdade de Ciências e Tecnologia foi criado em 1972, originalmente com material indígena contemporâneo, acrescido, a partir de 1983, com material arqueológico oriundo das pesquisas de campo da equipe de Arqueologia da Faculdade. Desde o início vem sendo coordenado por uma das articulistas, mais especificamente a Dr^a Ruth Künzli. Na realidade, o Museu é um conjunto de dois acervos, dos quais objetos selecionados são expostos numa mostra permanente e em outras temáticas, temporárias.

¹ Departamento de Planejamento – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 - Presidente Prudente – Estado de São Paulo – Brasil.

² Departamento de Educação – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo – Brasil.

³ Departamento de Educação – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 - Presidente Prudente – Estado de São Paulo – Brasil.

Estes dois acervos estão sob guarda respectivamente dos Laboratórios de Estudos Antropológicos e de Estudos Arqueológicos da Faculdade de Ciências e Tecnologia. O Laboratório de Estudos Antropológicos é composto por 2.500 peças indígenas contemporâneas, tanto do Brasil como de outras procedências, bem como artesanato folclórico. O de Estudos Arqueológicos mantém sob sua guarda aproximadamente 120.000 peças, tanto líticas, ou seja, de pedra lascada ou polida, quanto cerâmicas, considerando-se tanto artefatos inteiros como fragmentos, provenientes das pesquisas arqueológicas regionais. Possui também uma coleção da Pré-História Européia e de crânios dos vários estágios da evolução humana.

Os materiais são utilizados em duas dimensões: a de pesquisa e a de exposição. No presente trabalho estaremos considerando apenas a dimensão "exposição".

Uma exposição permanente está aberta ao público desde 1972, inicialmente apenas com material indígena contemporâneo e, desde 1983, acrescido daquele arqueológico. Anualmente são realizadas exposições temáticas, geralmente em locais fora do Campus e, eventualmente em outras cidades da região, em função da "Semana do Índio" ou de outras datas comemorativas. A frequência maior às exposições do Campus é a de classes de estudantes em visitas acompanhadas por seus professores. As exposições são coordenadas pelo docente responsável e monitoradas por um Auxiliar Acadêmico, juntamente com alunos bolsistas e estagiários, previamente treinados.

Com o passar do tempo, foi-se percebendo que havia dificuldades de duas ordens no atendimento aos alunos: uma, dos professores acompanhantes, os quais, freqüentemente, uma vez entregues os alunos aos monitores, afastavam-se das atividades no Museu, o que vinha gerando problemas de indisciplina dos alunos; outra, talvez devido ao viés acadêmico, sobretudo da coordenação, pela observação de que os alunos tinham dificuldades em assimilar uma série de informações que recebiam.

Por outro lado, foram consideradas as dificuldades dos professores e monitores em trabalhar as solicitações dos alunos e a precariedade dos suportes pedagógicos referentes ao tema da problemática indígena.

Assim, surgiu a idéia de se buscar o apoio de docentes da área de Educação, resultando o **Projeto Museu-Escola: Dialogando com a Interdisciplinaridade**, e, posteriormente, o Projeto viu-se acrescido com uma experiência que foi desenvolvida por outra docente em atividades no Programa de Educação Continuada (PEC) envolvendo alunos e os Museus Paulista (do Ipiranga) e de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo. Esta experiência foi incorporada pelo Projeto, sobretudo no que tange o manuseio de peças por parte das crianças.

O Projeto foi apresentado à Comissão Permanente de Extensão Universitária (CEPEU) da Pró-Reitoria de Extensão, tendo sido autorizada a concessão de duas Bolsas de Extensão, já no primeiro ano de sua implantação. Hoje o Projeto está em seu terceiro ano de atividades. Tendo em vista as abordagens do Projeto, um dos bolsistas é do Curso de Geografia, outro do de Pedagogia.

O PROJETO

Como já foi dito, de várias maneiras pôde-se observar que a linguagem, mais científica do que pedagógica, não estava sendo adequada à capacidade de captação das crianças. Por outro lado, havia também a necessidade de envolver os professores que vinham acompanhando as crianças.

Partiu-se do pressuposto de que, hoje, Museu não pode mais ser considerado apenas como um "depósito de velharias", uma instituição que apenas guarda materiais colocados em vitrines nem sempre apropriadas para serem apreciados, mantendo uma certa distância dos visitantes e acompanhados por algumas explicações sumárias. No caso do "Museu" da FCT, já há vários anos vinham sendo recebidas visitas agendadas, tentando explorar ao máximo os recursos que ali existem, criando ambientes, como por exemplo, o interior de uma oca.

Partindo do tema "índios", procurou-se ressaltar a sociodiversidade dos povos indígenas em contraposição à imagem homogeneizada que os manuais didáticos apresentam sobre o índio brasileiro, buscando apresentar a riqueza e a distinção da cultura material em oposição à idéia de exotismo e primitivismo que predomina nos livros escolares.

Os principais objetivos do Projeto passaram a ser, por um lado, a racionalização da utilização do Museu enquanto local de transmissão desses conhecimentos gerais e específicos, relativos à origem e diversidade dos índios, e, por outro, tornar atraente e, portanto, mais proveitosa a visita ao Museu.

Para tanto foram idealizadas as seguintes etapas:

- a. reuniões com a Direção e Professores das escolas a serem atendidas pelo Projeto, informando a respeito de seus objetivos;
- b. elaboração de texto adequado às turmas e ao objetivo de cada visita, contendo um roteiro sobre o material exposto; esse texto deve ser trabalhado em sala de aula pelos professores, preparando seus alunos para a visita;
- c. "Hora da Lenda", na qual os monitores contam uma lenda indígena para as crianças, relativa ao tema da exposição;
- d. atividade de reconhecimento através do tato, do manuseio, de artefatos indígenas;
- e. visita monitorada da exposição;

- f. "Hora da Música", durante a qual as crianças são levadas a cantar e/ou dançar de acordo com uma música (geralmente "na onda"), com letra adaptada à realidade indígena. Assim, por exemplo, foi adaptada a música "Brincadeira de Criança" do Grupo Molejo, a um texto criado pelos alunos bolsistas e estagiários;
- g. avaliação: ao final da visita é entregue ao(s) professor(es) uma ficha de avaliação a ser, posteriormente, preenchida e devolvida ao Museu. Essas avaliações servem de retroalimentação para as atividades futuras.

Analisando mais detalhadamente cada uma das atividades:

VISITA À ESCOLA

A visita à escola para contatos com a direção e professores objetiva deixar bem claro o que se pretende através do Projeto. O texto elaborado e a ser trabalhado com as crianças tem por objetivo que tanto o professor quanto os alunos já estejam informados do que será tratado durante a visita. A idéia do texto surgiu porque no decorrer das visitas, que denominaremos de "convencionais", percebia-se que, às vezes, os alunos e mesmo os professores não tinham muita noção do que seria visto. A cobrança por fósseis de dinossauros era freqüente, o mesmo ocorrendo com a explicitação da expectativa de encontrarem "índios de verdade", gerando tanto sentimentos positivos (curiosidade), como negativos (medo). Através do trabalho prévio em sala de aula os alunos são preparados para o que deverão encontrar e, por outro lado, os professores, cientes do assunto, vêm para o Museu motivados, o que leva à sua participação efetiva.

A "HORA DA LENDA"

É através da Literatura Infantil que crianças de séries iniciais se aproximam dos índios e conhecem um pouco mais sobre sua origem e seus costumes. Uma lenda indígena é previamente escolhida de acordo com a faixa etária das crianças que visitam o Museu. A seguir, essa história é preparada para a "Hora da Lenda". O contador, além de escolher a história, estuda a melhor técnica para contá-la. Neste sentido, as técnicas mais utilizadas no Museu são: a "simples narrativa", em que a lenda é contada somente com a ajuda da memória e voz do narrador; a "simples narrativa com gravuras ou desenhos", em que se mostram usualmente as gravuras do livro ampliadas e coloridas, para que as crianças possam perceber detalhes como a paisagem, ou até mesmo alguns objetos indígenas. Os objetos do Museu são usados para a execução de uma terceira técnica de contar histórias, a "simples narrativa com objetos". Nesta técnica, o contador se utiliza de vários objetos indígenas, que muitas vezes são personificados ganhando vozes e animações. O resultado é sempre um divertido

diálogo entre objetos, ouvintes, narrador e cultura indígena.

É assim que a "Hora da Lenda" acontece. Ao final de cada história contada, as crianças são levadas a discutirem a lenda para que haja uma interpretação da história. Novamente, um processo dialógico é criado, pois são utilizadas para tal discussão, questões que ultrapassam as linhas do texto e tocam os ouvintes para que percebam tanto as ideologias da lenda como o contexto em que a história foi escrita.

Neste sentido, museu e escola se unem para a formação de um leitor crítico, que se sedimenta a cada "Hora da Lenda", momento de aprendizado da leitura-prazer, pois, segundo Vargas (1993, p.7), ler é um ato de conhecimento e, conseqüentemente, de prazer, porque, através da atividade proposta, a criança é levada a interessar-se pela leitura, enfatizando que, ao estimular as crianças a lerem, é necessário também torná-las conscientes desta possibilidade (prazer + conhecimento), caso contrário, será impossível aproximá-las do texto.

Fruir o texto significa descobrir a vida enredada em suas malhas. Significa perceber a realidade de forma mais palpável através da impalpável trama da linguagem. E palavras, signos, fôrmas, todos juntos passam a significar mais concretamente, inclusive, do que a abstrata matemática dos números. Se antes dos textos lemos a realidade com os sentidos, com os textos crescemos mais ainda esta possibilidade da percepção porque o ler significa apoderar-me também daquilo que está distante dos sentidos (Vargas, 1993, p.7).

Nesta perspectiva teórica, a leitura-prazer se vincula ao aspecto social e estrutural do texto, como também está vinculada ao leitor, que sente o texto e aprende a conhecer o universo indígena com olhos de descoberta e, conseqüentemente, prazer e diversão. (FOTO 01)

MANUSEIO DE OBJETOS INDÍGENAS

O objetivo dessa atividade é de fazer com que as crianças criem conceitos a respeito das peças indígenas. A primeira experiência consta da escolha de alguns objetos indígenas, pré-históricos ou contemporâneos, por parte da coordenação, formando um "kit" com peças provenientes da reserva técnica. As crianças, sentadas em círculo em volta dos objetos selecionados inicialmente recobertos, têm sua curiosidade atraída sobre o que estaria escondido. Retirada a cobertura, as crianças são instadas a que escolham um desses objetos e procurem observá-lo atentamente,

manuseá-lo com o intuito de perceber as características de textura, temperatura, matéria-prima, estimuladas por perguntas como: o que é? (o objeto); de que é feito? (matéria-prima); como foi produzido? (técnica); o objeto é duro ou mole? é frio ou quente? é flexível? para que serve? (valor de uso, função social); por quem foi produzido? (sexo e idade); quem o utiliza (sexo/idade); qual o seu significado? (simbolismo/valores estéticos).

Uma criança escolhida vai respondendo às perguntas em voz alta, e as demais ouvem, podendo ou não concordar; pede-se então que esse objeto vá passando de mão em mão, até que todas tenham satisfeito a curiosidade sobre o objeto, formulando, assim, um conceito a seu respeito. Isto é feito com todos os demais objetos.

Com isso, as crianças podem ultrapassar as imagens simplistas, permitindo a intuição da complexidade e variedade da vida indígena.

Essa atividade teve boa aceitação, tanto por parte dos alunos quanto dos professores. Foi mencionada por algumas professoras como a melhor atividade, pois as crianças têm a oportunidade de pegar e manusear peças indígenas, que até então lhes pareciam tão distantes. (FOTO 02)

VISITA MONITORADA

Dando prosseguimento às atividades, monitores acompanham as crianças pelo recinto da exposição, mostrando e explicando as peças que se encontram nas vitrines, enfatizando a questão da sociodiversidade dos povos indígenas, através dos objetos mostrados. Através do contato com as pedagogas, a linguagem é adaptada ao nível dos visitantes, sendo feita, durante a visita, referência às atividades anteriores. (FOTO 03)

“HORA DA MÚSICA”

Antes de finalizar a visita ao Museu, uma música, atual e de conhecimento geral das crianças, tem sua letra adequada ao tema da visita. Um breve ensaio, e todos cantam juntos, acompanhados seja de violão, seja de instrumentos indígenas, tais como o maracá ou flautas. (FOTO 04 – como a atividade registrada foi desenvolvida com alunos especiais, houve acompanhamento policial sobretudo para garantir os trajetos de ida e vinda)

Essa atividade teve tanta aceitação que uma das escolas visitantes convidou os monitores para a festa de encerramento do ano letivo para cantarem, juntamente com os alunos, pois a música aprendida no Museu já havia sido incorporada por todos os alunos da escola.

AVALIAÇÃO

Ao término das atividades é entregue ao(s) professor(es) uma ficha de avaliação, buscando sua opinião relativa ao aproveitamento de seus alunos, bem como solicitando sugestões ou críticas. Alguns dias depois o Auxiliar Acadêmico busca as fichas preenchidas na escola, e elas são tabuladas e analisadas.

Em geral, as avaliações têm revelado um resultado muito bom, o que mostra que o esforço desempenhado para atingir seu escopo tem sido recompensado.

É curioso notar que em várias avaliações compareceu a questão de não haver um local adequado para que as crianças tomassem lanche. Através do Programa Infra IV da FAPESP essa deficiência foi sanada, e hoje temos três mesas de concreto, acompanhadas de quatro bancos, também de concreto e fixos no solo.

RESULTADOS

No primeiro ano de atividades deste Projeto, 1998, foram atendidas 740 crianças, número duplicado em 1999. A previsão para o ano 2.000 é de ultrapassar de longe esse número.

Deve ser ressaltado que, além das turmas atendidas pelo Projeto, continuam as visitas “convencionais”, sendo que, no total, o Museu atende a aproximadamente 8.000 crianças e adolescentes. O êxito obtido com as atividades do Projeto tem levado os monitores a, em alguns casos, aplicarem eles próprios algumas etapas como a *Hora da Lenda* ou a *Hora da Música*, durante as visitas de classes não integradas ao Projeto.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento de todas as etapas do Projeto demanda um tempo maior do que nas visitas que consideramos convencionais. Para tanto, sejam as classes, sejam os monitores, devem programar-se com antecedência maior do que relativamente às demais visitas, até porque é exigido também um preparo mais acurado dos bolsistas que acompanham especificamente o Projeto.

Em função dos resultados obtidos da análise das avaliações por parte dos professores, o Projeto Museu-Escola: Dialogando com a Interdisciplinaridade deverá ter continuidade nos próximos anos, enriquecido com novas idéias.

Um dos problemas que se coloca para a ampliação do Projeto é o espaço físico do Museu. Hoje ele é de 270 m², dos quais um terço é ocupado com as reservas técnicas dos acervos e a sala de laboratórios. Resta, portanto, um espaço que, apesar de não ser tão pequeno em termos absolutos, não comporta um número grande de visitantes ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 1987.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- MENEZES, Cláudia. Museu do Índio: novas perspectivas e possibilidades para a participação estudantil e das populações indígenas. *Ciências em Museus*, Belém, v.1, n.1, 1989.
- SANTOS, Maria C.T.M. Documentação museológica, educação e cidadania. *Ciências em Museus*, Belém, n.2, 1990.
- SOUZA, Renata Junqueira. *Narrativas infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam*. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1992.
- SPIESS II, Philip D. Museu e sua operação: uma bibliografia básica. *Ciências em Museus*, Belém, v.1, n.1, 1989.
- VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.



FOTO 01 - "Hora da Lenda"



FOTO 02 - Manuseio de artefatos indígenas



FOTO 03 – Visita



FOTO 04 – “Hora da Música”